



A unidade lexical ponto na perspectiva da teoria das operações predicativas e enunciativas

Eduardo Henrique Vieira Santos¹
Andreana Carvalho de Barros Araújo²

RESUMO:

O presente trabalho busca analisar a construção de sentido da unidade lexical **ponto**. Objetivamos investigar como a relação cotexto-contexto contribui para a construção de sentido dessa unidade considerando o impacto das construções sintáticas nos sentidos evocados. Exploraremos a unidade **ponto** em grupos de enunciados, buscando identificar como ela se comporta, sua relação com o contexto e os sentidos construídos. Para o desenvolvimento das análises nos apoiaremos nas reflexões de Culioli (1990) e Franckel (2006; 2011), trazendo os conceitos básicos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). A metodologia utilizada é a teoria dos observáveis, isto é, das ocorrências da unidade lexical **ponto** e sua atuação para a construção dos seu sentido nos enunciados. Como resultado, reunimos em grupo as ocorrências após constatarmos que sua utilização em diversas situações engendra sentidos variados como lugar fixo, fim de algo, delimitação, especificação, valores quantitativos e fechamento. Também percebemos que a relação que essa unidade lexical estabelece no meio textual com verbos ou preposições, por exemplo, influencia na construção de sentidos e tem forte impacto sobre o seu valor no enunciado.

PALAVRA-CHAVE:

Sentido;
TOPE;
Ponto;
Cotexto;
Contexto.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí. campus Petrônio Portela. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0526-1763> E-mail eduardohenrique@ufpi.edu.br

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL) da Universidade Federal do Piauí. campus Petrônio Portela. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4886-8955> E-mail andreana_cba@hotmail.com

1 Introdução

A relação entre uma unidade lexical e sentido, pela perspectiva teórica da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) do linguista francês Antoine Culioli, é um construto que se dá no e pelo enunciado, ou melhor, diz respeito à construção da relação quando da passagem de uma dada representação mental para uma representação linguística

Para os amantes de análise linguística, observar os modos de funcionamento das unidades é algo prazeroso, mas acima de tudo é produtivo. Todas as unidades da língua, independente da sua função nos textos, apresentam-se extremamente diversificadas no que diz respeito aos usos e sentidos que evocam.

Nessa perspectiva, para a TOPE, não há sentidos pré-estabelecidos, mas construídos na atividade de linguagem em um cotexto que convoca um contexto específico.³ A linguagem é estudada, aqui, a partir dessa atividade de linguagem na qual coocorrem operações que desembocam no agenciamento das formas (os enunciados) e nos sentidos.

O referencial teórico da TOPE considera que os sentidos das unidades lexicais não estão prontos e acabados, eles são construídos no ambiente textual (que chamamos de cotexto) onde ocorrem e a estabilidade desses sentidos se dá apenas nesse ambiente. A título de exemplificação, consideremos os enunciados **Maria chegou no ponto para o embarque** e **Na reunião da empresa, Maria especificou o ponto que era de interesse dos sócios**, nessas duas ocorrências, a unidade lexical **ponto** estabiliza sentidos diferentes. Na primeira, estabiliza o sentido de ser o local onde um meio de transporte estaciona; e, na segunda, o conteúdo sobre o que se conversa com um grupo. Convém acrescentar que tal estabilidade local reflete em relações sinonímicas igualmente locais. Logo, na primeira ocorrência, **ponto** é localmente sinônimo de lugar e na segunda, assunto.

De acordo com Franckel, Paillard e De Vogüé (2011), a linguagem não é transparente, como se fosse uma espécie de tradução do pensamento, mas sim, opaca, uma vez que na abordagem construtivista na qual se insere o quadro da TOPE, o sentido não preexiste ou existiria independentemente do material verbal, mas é construído pelo material verbal que lhe dá corpo, isto é, com base nas relações cotextuais estabelecidas pelas unidades lexicais através de operações enunciativas.

³ Neste trabalho consideramos a noção à qual remete a unidade lexical **ponto** configurada pelos enunciados segundo modos de construção do valor referencial. Franckel (2011, p. 48) explica que os valores referenciais são construídos nos e pelos enunciados por meio de operações enunciativas ou de referenciação. Estes valores são instáveis e inscrevem-se em jogos intersubjetivos de ajustamento e regulação que se estabilizam apenas localmente no ambiente onde ocorrem. Não aprofundaremos este aspecto no presente trabalho.

Seguindo esse embasamento teórico, buscaremos analisar a construção de sentidos da unidade lexical **ponto** em dezesseis enunciados, pois, embora seja apresentada a partir da sua função como substantivo, (o que a princípio nos fez pensar que tal unidade não apresentasse uma multiplicidade de valores se comparada a uma outra unidade, como o verbo **tomar**, por exemplo), o entorno textual no qual ela se insere parece afetar a sua construção dos sentidos. Em vista disso, propomo-nos a analisar como esses sentidos são construídos a partir da relação cotexto-contexto.

2 A atividade de linguagem

Os seres humanos são dotados da capacidade de linguagem e estudar as unidades da língua é estudar a atividade de linguagem. Para a TOPE, a atividade de linguagem refere-se a “uma atividade de produção e reconhecimento de **formas**; ora, essas formas não podem ser estudadas independentemente dos textos, e os textos não podem ser independentes das línguas”. (CULIOLI, 1990, p. 14, grifo do autor) Tradução nossa⁴.

A atividade de linguagem à qual nos referimos não é uma mera comunicação, mas uma troca entre interlocutores que envolve diversas operações mentais para que se possa construir a significação, entre elas, podemos destacar o jogo existente entre os níveis I e II. Além disso, a significação não se resume apenas ao material linguístico, mas será construída na troca entre as partes, enunciador e coenunciador, ambos trabalhando em conjunto e tendo parte ativa nesse processo.

A linguagem não é um sistema de representação que mantém uma relação de transparência e adequação com as ideias. No entanto, essa heterogeneidade da linguagem pode ser apreendida a partir da especificidade de uma determinada língua, visto que é por meio desta que toda a complexidade da linguagem se manifesta.

Culioli (1990, p.14) afirma que

De um lado, eu digo que o objeto da linguística é a atividade de linguagem (ela mesma definida como operações de representação, referência e de regulação); de outro lado, eu digo que esta atividade só pode ser apreendida, a fim de estudar o seu funcionamento, através das configurações específicas dos agenciamentos em uma dada língua.” (CULIOLI, 1990, p. 14) Tradução nossa⁵.

⁴ Une activité de production et de reconnaissance de *formes*, or, ces formes ne peuvent pas être étudiées indépendamment des textes, et les textes ne peuvent être indépendants des langues.

⁵ D'un côté, je dis que l'objet de la linguistique est l'activité de langage (elle-même définie comme opérations de représentation, de référencement et de régulation); d'un autre côté, je dis que cette activité nous ne pouvons l'appréhender, afin d'en étudier le fonctionnement, qu'à travers des configurations spécifiques, des agencements dans une langue donnée.

A linguagem é considerada, neste enfoque, como uma tripla atividade de representação, referenciação e regulação que está diretamente ligada à construção de sentido; entretanto, Culioli (1990) afirma que o foco da atividade de linguagem é a produção e o reconhecimento das formas e essas formas são apenas traços das operações de representação, referenciação e regulação.

2.1 As operações de linguagem

Quando estudamos uma unidade da língua, buscamos encontrar traços de operações que ocorrem ainda em um nível cognitivo, ou seja, em um pré-enunciado quando as noções lexicais já estão selecionadas, porém ainda não temos uma organização em forma de enunciado, nem tampouco há valores referenciais. Por meio das operações de representação, referenciação e regulação, construímos significação. Ressaltamos que essas operações, embora possuam essa divisão teórica, coocorrem de maneira simultânea.

Na atividade de representação, segundo Culioli (1990), há uma sequência de operações que se desenvolvem em três níveis, buscando a construção de um sistema referencial intersubjetivo. Este sistema é construído em três níveis: mental (nível I), linguístico (nível II) e metalinguístico (nível III).

O nível das representações mentais é aquele ao qual não temos acesso direto. Nele, as nossas experiências adquiridas desde a infância são organizadas. O aprendizado construído por meio de nossas vivências com a família, como meio cultural, por exemplo, organiza-se e se acumula, sendo extremamente necessários para nossa atividade de linguagem. Aqui, são efetuadas operações de relação, encadeamento e construção de propriedades compostas. É um nível ao qual só temos acesso por meio de traços que se manifestam no nível seguinte, o nível II. Este chamado de nível das representações linguísticas traz consigo resquícios do nível I, fato que reafirma ser inexistente uma equivalência rigorosamente pontual entre os dois níveis, ou seja, uma relação termo a termo, visto que as formas empíricas não são etiquetas e nem estabelecem a existência de uma relação de equivalência fixa entre **um marcador – um valor**.

É por meio do nível II que se tem indiretamente acesso ao nível I. Por isso compreendemos que as representações do nível II não devem ser consideradas como uma tradução de sentido das representações do nível I. O próprio Culioli (1990) afirma que essa falta de equivalência gera o problema da sinonímia e da homonímia, da ambiguidade e da paráfrase, dos valores heterogêneos e todo um jogo que é determinado entre representantes e representações. Em outras palavras, por

exemplo, a substituição de uma unidade lexical por um sinônimo nunca é perfeito e apenas serve para situações específicas em enunciados específicos.

Por ser o nível de representações metalinguísticas, o nível III é específico ao trabalho do linguista, o qual se apropria com o objetivo de construir ferramentas metalinguísticas a fim de representar as operações de linguagem. Para Culioli, nesse nível é construído “um sistema de representação metalinguística como tal, ou seja, construído a partir de descrições teorizadas de fenômenos linguísticos, por procedimentos canônicos de abstração e de formalização.” (CULIOLI, 1990, p.22) Tradução nossa⁶. Este nível refere-se à reescritura formal das operações que ocorrem nos níveis I e II elaborada pelo linguista. Uma vez que é impossível reconstituir operações cognitivas, ele simula as atividades realizadas entre as representações mentais do nível I através da observação da organização das representações textuais do nível II, o que permite compreender de que modo ocorre a passagem entre os níveis.

2.2 A construção do sentido

A partir das considerações feitas acerca da atividade de linguagem, objeto de estudo de Culioli, esclarecemos que na perspectiva desse teórico o enunciado é compreendido como um arranjo de formas através do qual o sentido é construído e reconstruído por meio de processos que ajustam e regulam seus valores. Assim, para a TOPE, não há sentido etiquetado ou pré-estabelecido, mas, somente, construído no e pelo enunciado.

Nesse viés, de acordo com Franckel (2011) o sentido atinge uma estabilidade local, a partir da análise do meio textual (cotexto), o qual nos induz ao contexto. Nesse caso, consideramos que a análise parte dos elementos linguísticos para o extralinguístico e não ao contrário. Assim “O fato é que, antes de mais nada, os enunciados, tal como unidades, determinam em grande parte os contextos nos quais eles ou elas podem aparecer.” (DE VOGÜÉ, 2013, p.216).

O cotexto contribui para a construção do sentido por meio da relação entre as unidades lexicais quando postas em jogo no enunciado. Nessa perspectiva, “[...] o sentido se constrói a partir de unidades que integram o todo (e a ele se integram) “efetuando” o enunciado.” (FRANCKEL, 2011, p.43). Dito isso, ressaltamos que o cotexto sozinho não é suficiente para a construção do sentido, pois, como dissemos, ele induz à produção do contexto. Dessa forma, o cotexto convoca o contexto que

⁶ Un système de représentation métalinguistique en tant que tel, c'est-à-dire construit à partir de descriptions théorisées de phénomènes linguistiques, par les procédures canoniques d'abstraction et de formalization.

permite estabelecer condições de interpretabilidade, deixando de ser anterior às unidades da língua para ser engendrado por elas. Diante disso, fica claro que é o próprio enunciado que nos permite desencadear quais tipos de contextualizações são compatíveis com ele para, então, construirmos e reconstruirmos os sentidos a partir duma dinâmica (relação de dependência) entre cotexto-contexto.

Nesse sentido, Cumpri (2012), então, afirma que nesta concepção teórica, não seguimos o viés pragmático, buscando o contexto no universo extralinguístico, pois na teoria culioliana o contexto é construído no próprio texto, logo apoiamo-nos na tese de que o contexto e o sentido são desembocados pelo próprio enunciado.

Portanto, o sentido, seja das unidades que compõem o enunciado ou mesmo do próprio enunciado, pode variar muito, e a determinação de um sentido ou de outro é resultado da forma como essas eles interagem com outras unidades ou enunciados. Valentim (2009) também explica que o sentido de uma unidade se define através dos vários modos de relação com o contexto linguístico em que ela se inscreve e com as possibilidades textuais que ela convoca.

3 Metodologia

Conforme o quadro teórico-metodológico adotado para a análise da unidade lexical escolhida para este trabalho, rejeita-se a ideia de que a unidade lexical seja provida de um sentido próprio, inerente, desvinculado do enunciado. Ressaltamos que na TOPE, o sentido é concebido como um construto resultante de um conjunto de relações que se ordenam e são observadas no enunciado provenientes da unidade lexical e do próprio enunciado onde está inserida.

Num enunciado, considera-se o cotexto como o sentido local que cada unidade linguística apresenta quanto à construção de sentidos que resultam da articulação entre essas unidades no interior do enunciado. Esse sentido local, chamado também de contexto imediato, conforme Franckel (2006, p.51) “é relativo a uma palavra ou a uma sequência (sequência de palavras e unidades interpretáveis), da qual constitui o ambiente imediato” Tradução nossa⁷, ou seja, trata-se de uma unidade ou conjunto de unidades que atuam em presença dentro de um enunciado em que o sentido é construído por meio das unidades que integram o enunciado e que a ele também se integram. Tal aspecto remete à **função integrativa** dos signos proposta por Benveniste

⁷ est relatif à un mot ou à une séquence (suite de mots et d'unités interprétable), dont il constitue l'environnement immédiat.

que consiste, de acordo com Franckel (2011), numa abordagem oriunda de uma atitude construtivista.

As análises ora apresentadas apresentam um estudo atomista que consiste num exame da singularidade de cada uma das ocorrências da unidade lexical **ponto** efetivadas preponderantemente como substantivos.

4 Alguns sentidos que podem ser construídos pela unidade lexical **ponto**

As ocorrências da unidade lexical **ponto** se mostraram muito produtivas e, conseqüentemente, os sentidos construídos são variados. Desse modo, dividiremos as ocorrências em grupos relativos aos sentidos que são evocados pela unidade.

GRUPO 1: Lugar

- A. *Ponto de abastecimento de água / combustível. - O ponto de abastecimento de combustível apresenta diversos riscos.*
- B. *Ponto comercial - Os comerciantes se referem ao “ponto comercial”, atribuindo-lhe valor econômico e possibilitando sua venda.*
- C. *Ponto de táxi, ônibus, metrô - A vítima estava em um ponto de ônibus quando foi colhida pelo carro.*
- D. *Ponto de embarque e desembarque - Estacionar no ponto de embarque ou desembarque de passageiros de transporte coletivo é uma infração de natureza média.*
- E. *Ponto de prostituição - A avenida Monsenhor Tabosa é ponto das travestis.*

GRUPO 2: Suspensão ou finalização de um processo

- A. *As frases com ponto-final podem expressar situações afirmativas ou negativas.*
- B. *Maria pôs um ponto final no seu relacionamento com João.*

GRUPO 3: Assunto / circunstância

- A. *Pedro sabe os pontos essenciais para discutir a teoria.*
- B. *Pedro ficou em silêncio quando chegou nesse ponto.*
- C. *Maria chegou ao ponto de pedir demissão.*

GRUPO 4: Grau de cozimento

- A. Ponto da carne - A carne ao ponto é uma ótima opção para não errar.
- B. Ponto da cocada - Quando estiver no ponto, a cocada ficará dura em contato com a água.

GRUPO 5: valor numérico

- A. Pontos acumulados em jogos, partidas - O time acumulou os pontos para se classificar no campeonato.
- B. Pontos somados para concluir uma nota - O professor concedeu pontos extras na prova.

GRUPO 6: Parte de uma costura / sutura

- A. Maria deu um ponto na cintura da calça.
- B. A cirurgia de Pedro levou cinco pontos.

4.1 Análises das ocorrências da unidade lexical ponto

As relações estabelecidas pelos elementos que compõem os enunciados contribuem de forma significativa para que determinado sentido seja evocado em detrimento de outro.

O grupo 1 traz sequências nas quais a unidade **ponto** se refere a lugar. Trata-se de algo físico, com delimitações de espaço. Convém evidenciar que a unidade que acompanha a unidade lexical **ponto** é quem lhe confere o sentido de lugar.

Mesmo quando trazemos sequências mais complexas, o sentido não se altera. **Ponto**, no grupo 1, sempre se trata do lugar onde algo acontece ou existe. Em (1a), O ponto de abastecimento de combustível apresenta diversos riscos, o ponto de abastecimento, independentemente do tipo de abastecimento, é o lugar onde o abastecimento ocorre. Da mesma forma, os exemplos (1c), A vítima estava em um ponto de ônibus quando foi colhida pelo cargo, e (1d), Estacionar no ponto de embarque ou desembarque de passageiros de transporte coletivo é uma infração de natureza média. **Ponto de táxi** e **ponto de embarque** trazem claramente a ideia de um lugar fixo para a realização de algo, como onde as pessoas pegam o transporte público ou o lugar exclusivo para que os carros parem para pegar passageiros ou para deixá-los.

A sequência (1b), Os comerciantes se referem ao ponto comercial, atribuindo-lhe valor econômico e possibilitando sua venda, difere um pouco das demais, já que **ponto comercial** acontece de forma diferente. Ainda se trata de lugar, porém o

destaque, nesse caso, é para a função que o lugar exerce. O lugar em questão precisa cumprir vários requisitos para que se torne um ponto comercial.

No exemplo seguinte, (1e), A avenida Monsenhor Tabosa é ponto das travestis, a unidade subsequente, **das travestis**, tem duas funções: ela destaca a quem pertence o lugar e, ao mesmo tempo, o caracteriza como lugar. A sequência pede esse complemento para se tornar compreensível. Outro elemento que corrobora para que se constitua a noção de lugar é a definição da avenida no texto.

O grupo 2 traz duas possibilidades para **ponto final**. Neste grupo, o cotexto é bem mais solicitado do que no grupo anterior. Note os exemplos, (2a), As frases com ponto-final podem expressar situações afirmativas ou negativas e (2b) Maria pôs um ponto final no seu relacionamento com João. Nesses enunciados as duas unidades se apresentam de formas diferentes, a primeira, como uma única palavra, a segunda, com palavras separadas, ainda sim, vemos uma relação entre ambas. As duas indicam o fim, a supressão de algo, no entanto, em (2a), é algo material, um símbolo que se manifesta nos textos, indicando um fim ou uma pausa temporária. Em (2b), por sua vez, é algo mais abstrato, **ponto final** evoca um rompimento de uma relação, o que também pode ser um fim definitivo ou uma pausa temporária. Embora ponto final traga imediatamente a ideia de fim ou término definitivo no presente, percebe-se que há a possibilidade de a relação ser reestabelecida no futuro. Assim entendemos que **ponto final** pode tratar de um rompimento de algo em um determinado momento, sem que haja necessariamente a impossibilidade de ser retomado em um momento posterior.

No grupo 3, a sequência (3a), Pedro sabe os pontos essenciais para discutir, há uma referência aos assuntos que devem ser discutidos. Mas muito além disso, **ponto** evoca uma delimitação, uma precisão do que deve ser abordado. Ainda há o elemento posposto **essencial** que contribui para essa delimitação do conteúdo.

No exemplo seguinte, (3b), Pedro ficou em silêncio quando chegou nesse ponto, ressaltamos que, primeiro, não fica claro o que seria esse **ponto**; segundo, a sequência **chegar nesse ponto** (chegar em) é muito importante para a compreensão. Poderíamos pensar em **ponto** como um lugar ou um assunto, porém, independente do que seja, é algo que sensibiliza Pedro de alguma forma, fazendo-o se calar. Podemos destacar, nesse caso, dois contextos interpretativos. Tratando-se de lugar, algumas pessoas (provavelmente amigos) passeiam juntas. Pedro está animado conversando bastante, mas quando chega a um determinado lugar, ele se retrai e fica em silêncio. Em um segundo contexto, referindo-se a assunto, há uma discussão de algumas questões em uma reunião e Pedro é alguém que se manifesta o tempo todo, mas quando chega a um assunto que lhe é desconfortável, ele se cala. Mantém-se uma ideia de delimitação, visto que Pedro pode andar por vários lugares ou falar sobre diversas

questões, mas apenas um, em específico, faz com que ele fique em silêncio. No momento em que chega a um lugar ou um conteúdo específico, o seu silêncio é acionado, ou seja, o silêncio é limitado a um lugar ou conteúdo que não é qualquer um.

Em (3c), Maria chegou ao ponto de pedir demissão, ressaltamos que a sequência **chegar ao ponto** faz toda a diferença. Assim como no exemplo (3b), há uma interferência do elemento verbal. Vemos uma delimitação, um limite dentro de um percurso, como se fosse uma marca a ser alcançada. Um contexto interpretativo é o de assédio (de qualquer tipo) no espaço de trabalho. Maria mantém-se calada num primeiro momento, em seguida, conversa com o superior imediato num segundo momento, depois leva como forma de denúncia à diretoria, neste último momento, não apresentando solução, a demissão de Maria constitui o ato derradeiro e o **ponto** responsável que marca o término da série de comportamentos.

O grupo 4 diz respeito a uma especificação de algo, no caso o grau de cozimento. O exemplo (4a), A carne ao ponto é uma ótima opção para não errar, evoca os requisitos que devem ser cumpridos para que a carne seja considerada ao ponto. A unidade lexical **carne**, por se tratar de uma comida, evoca esse sentido.

Em (4b), Quando estiver no ponto, a cocada ficará dura em contato com a água, a ocorrência de **ponto** é diferente, mas ainda remete a essa especificação de quando a mistura enfim se torna o que conhecemos como cocada, atingindo certo grau de cozimento. Novamente, surge o elemento **cocada**, evocando o sentido de grau de cozimento de um alimento.

Esses enunciados do grupo 4 também convocam ainda uma ideia de delimitação, já que o ponto da carne ou da cocada precisam cumprir requisitos específicos para que sejam considerados no **ponto**. É importante lembrar que esse **ponto** pode variar de pessoa para pessoa ou também de receita, mas sempre são parâmetros delimitados a serem cumpridos para que se chegue ao resultado esperado.

Na sequência, o grupo 5 é bastante específico no que diz respeito aos sentidos, pois evoca valores quantitativos. No exemplo (5a), O time acumulou os pontos para se classificar no campeonato e (5b) O professor concedeu pontos extras na prova, há uma referência a **ponto** como um montante. Nos dois casos, isso se manifesta na marca de plural em **pontos**. Além disso, na sequência (5a), a unidade **acumulou** reforça essa ideia. Não se trata de um **ponto**, mas da somatória deles. Temos o resultado de uma soma, que é ativada pelo contexto. Tanto **campeonato** quanto **prova** são termos que demandam valores quantitativos e somatórios, corroborando com a construção desse sentido. Ou seja, Em (5a) o acúmulo de pontos se dá pela soma da pontuação obtida pelo time com derrotas, empates e vitórias, já em (5b) esse acúmulo é resultado da

soma de várias atividades, por exemplo, resolução de tarefas, trabalho em grupo, seminários.

A ideia de delimitação evocada pela unidade lexical **ponto** também se manifesta no grupo 5. Os elementos cotextuais dos dois exemplos, **campeonato**, **classificar**, **professor** e **prova**, convocam a ideia de **pontos** necessários tanto nas provas da escola/universidade quanto em um campeonato. Só há passagem de fase/ano/semestre se uma determinada quantidade de **pontos** for completada.

O grupo 6 apresenta dois exemplos: (6a), Maria deu um ponto na cintura da calça, e (6b) A cirurgia de Pedro levou cinco pontos. Embora as duas sequências engendrem diferentes contextos, o sentido é o mesmo. **Ponto**, nesse grupo, é uma forma de fechar, um tecido ou a pele humana, juntando duas partes. É relevante notar que no corpo, o **ponto** exerce sempre a mesma função, enquanto no tecido, há outras possibilidades, como fazer um bordado, pregar um botão, entre outros. No entanto, o ponto da costura/sutura é sempre uma formatação de um nó. Entre os elementos cotextuais que contribuem para a construção desses sentidos, em (6a), destacamos a unidade **calça** que evidencia se tratar de um tecido, já em (6b), dois elementos são cruciais, **cirurgia** e **Pedro**. Ressaltamos que, no segundo caso, apenas uma das unidades é suficiente para evocar o sentido de sutura, assim, poderíamos dizer: A cirurgia levou cinco pontos ou Pedro levou cinco pontos na cabeça. Além disso, observamos que para tecidos a estrutura utilizada é dar um **ponto** e quando se trata de cirurgia, pode ser usado levar/pegar pontos.

Ponto enquanto costura/sutura a princípio não nos levou a pensar em algo delimitado. Em 6a podemos ter um contexto em que a cintura da calça está larga e precisa de ajuste, **ponto** nesse enunciado remete à redução da largura. Outro contexto seria de um rasgo e **ponto** daria a ideia de conserto em relação ao tecido e junção das partes de pele que estão separadas.

Se ampliarmos um pouco, e pensarmos no ponto de cruz, por exemplo, podemos vê-lo mais claramente como um tipo de nó, uma especificação. O ponto de cruz é uma especificidade do bordado, e seu formato é exatamente uma cruz, ele só é completo quando todos os pontos estão juntos. Se há uma mudança não é mais ponto de cruz. Assim, se pensarmos a costura como um todo não há uma delimitação, mas quando pensamos na unidade do ponto, ela se manifesta.

4 Conclusão

A proposta de estudo e análise da unidade lexical **ponto** neste trabalho foi o de reconstituir alguns dos seus valores construídos os quais ao mesmo tempo são

marcados pela própria unidade linguística no enunciado e o seu papel na construção da própria significação.

Essa observação vem a corroborar que uma realidade extralinguística não é o reflexo fiel e exato de uma unidade, mas esta é uma representação linguística daquela construída pelo sujeito enunciativo. A teoria enunciativa culioliana nesse aspecto refuta a concepção de uma unidade como um termo já provido de um sentido fixo, pronto e acabado e formula que o sentido é o resultado de um processo de construção no e pelo enunciado por meio de uma situação de enunciação, ou seja, as unidades linguísticas estabelecem-se como marcas de operações consecutivas a partir das quais tem como resultado a instanciação das noções em ocorrências linguísticas.

Como resultado desta análise, ainda que de forma provisória, percebemos que o funcionamento da unidade lexical **ponto** é bem diverso. Na maioria das ocorrências, o adjunto adnominal é solicitado pela unidade lexical **ponto** e contribui de forma contundente para a construção do sentido da unidade, pois esse termo nas suas ocorrências mantém uma relação estreita com o substantivo. Por outro lado, há situações específicas em que a unidade não solicita um adjunto e o processo de construção do sentido se dá pela relação cotextual com as outras unidades que a circundam no enunciado como visto em 4a e 4b, por exemplo.

Os sentidos convocados por esses cotextos engendrados pela unidade lexical **ponto** também são muito variados, resultando a princípio em 6 grupos. Essa divisão, embora seja um recurso para facilitar as análises, nos levou a encontrar alguns sentidos que foram estabilizados nas sequências analisadas. Assim, verificamos a estabilização de lugar, suspensão ou finalização de processo, assunto, grau de cozimento, valor numérico e costura.

Além disso, algo que ficou bem evidente é que essa unidade manifesta de forma muito constante uma ideia de delimitação que pode ser física, no caso do primeiro grupo que remete a uma delimitação espacial física, um lugar, ou uma delimitação temporal que marca o fim de um processo num determinado momento da linha do tempo, ou pode ser uma delimitação mais abstrata como o desfecho de um conjunto de sequência de comportamentos/ações desencadeado por um ato inicial como ocorreu em 3c.

Por meio das análises e da divisão em grupos ora apresentada foi possível compreender que o ambiente textual delimita o sentido da unidade lexical em estudo. Observamos que este se constrói em ocorrência com as outras unidades lexicais do ambiente textual que a ela se relacionam no enunciado ou que se ligam diretamente a ela, como os adjuntos adnominais.

Assim, a unidade lexical **ponto** estando inserida em um dado cotexto, assume um determinado sentido em decorrência do contexto estabilizado pela sequência, isto é, se constrói um valor semântico da unidade e, dessa maneira, um determinado sentido é estabilizado.

Referências

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Tome 1. Paris: Ophrys, 1990.

CUMPRI M. L. A contribuição da Teoria das Operações predicativas e enunciativas para o estudo da produção textual. In: **Diálogo das letras**, v.01. n.01. p. 8-25. Pau dos ferros, 2012.

DE VOGÜÉ. S. A língua entre cognição e discurso. In: **Calidoscópico**. Vol.11, N.2. p. 214- 221. UNISINOS, 2013.

FRANCKEL, J. J; PAILLARD, Denis. Aspectos da teoria de Antoine Culioli. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011. P.31-55.

FRANCKEL, J.-J. Situation, contexte et valeur référentielle. In. **Textes, contextes, pratiques**, n 129/130, 2006. p. 51-70.

VALENTIM, Helena LEJEUNE, Pierre. Contexto como condição de interpretação do enunciado/Contexto as a condition of interpretation of the utterance. **Cadernos WGT Co(n)texto**. Dezembro, 2009.



The point lexical unit in the perspective of the theory of predicative and enunciative operations

ABSTRACT:

The present work seeks to analyze the construction of meaning of the point mark. We aimed to investigate how the co-text-context relationship contributes to the construction of meaning in this unit, considering the impact of syntactic constructions on the evoked meanings. We will explore the point mark in groups of utterances, seeking to identify how it behaves, its relationship with the context and the constructed meanings. For the development of the analyzes we will rely on the reflections of Culioli (1990) and Franckel (2006; 2011), bringing the basic concepts of the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE). The methodology used is the theory of observables, that is, of the occurrences of the lexical unit **point** and its action for the construction of its meaning in the utterances. As a result, we grouped the occurrences after verifying that their use in different situations engenders different meanings, such as a fixed place, end of something, delimitation, specification, quantitative values and closing. We also realized that the relationship that this mark establishes in the textual medium with verbs or prepositions, for example, influences the construction of meanings and has a strong impact on the mark in question.

KEYWORDS:

Meaning;
TOPE;
Point;
Context;
Cotexte.